

ENTREVISTA | REGINA MIRANDA

COREÓGRAFA, ENCENADORA E CINEASTA

‘O que de nós atravessa o tempo?’

RODRIGO FONSECA Especial para o Correio da Manhã

N um momento de conexão radical com os códigos do cinema, depois de filmar “Escritas De Resistência: Mulheres em Auschwitz” (2025), a multiartista do movimento Regina Miranda (um pilar nacional do ofício da coreografia) entrou em modo “De Volta Para o Futuro” em sua rota de pesquisas num reencontro com um marco da literatura universal e com seu pretérito mais que perfeito em palcos – inclusive alguns nada usuais. Há trinta e cinco anos, ela fez história, no Museu de Arte Moderna (MAM-RJ), no Aterro, com um espetáculo decalcado de “A Divina Comédia”, de Dante Alighieri. Três décadas e meia depois, ela retorna aos quintos da invenção do bardo renascentista, mas numa nova abordagem.

Seu projeto atual se chama “A Divina Comédia: Ritrovai (reencontro) - Rivedere (reimaginação)” e terá duas únicas apresentações, e ambas nesta quinta (30), às 18h e às 20h. A apresentação, sob a direção geral de Regina, vai reunir 120 intérpretes de diferentes gerações numa grande instalação cênica imersiva que ocupará 16.500m² dos jardins do MAM Rio.

A encenação conta com artistas que participaram da montagem original numa troca artística com jovens atuantes da cena carioca, formando um elenco com intérpretes dos 12 aos 90 anos.

Inspirado no poema de Dante, o espetáculo transforma Inferno, Purgatório e Paraíso em experiências espaciais e sensoriais atravessadas pelas urgências contemporâneas. O Inferno como os estados de desesperança frente a crises ambientais, visões extremadas de mundo e apagamentos culturais. O Purgatório como território de reflexão, esforço e reconstrução. E o Paraíso como a necessidade humana de imaginar e encarnar beleza, encontro, transcendência.

O espetáculo celebra ainda os 45 anos de atuação e mais de 60 obras cênicas da Cia. Regina Miranda & AtoresBailarinos, reunindo seu núcleo artístico - Marina Salomon, Patrícia Niedermeier, Adriana Bonfatti, Ana Bevilaqua e Lúcia Tourinho. Virgílio é vivido por Edi Botelho. Dante do Inferno é vivido por Fabiano Nunes, e do Purgatório por Daniel Herz. Christiana Guinle dá vida a Francesca da Rimini. Maria Alice Poppe é Esmirna; Lourival Prudêncio e Rafael Telles são o Minotauro; a cantora lírica e bailarina Doriana Mendes é a Artista Vitrificada; Rodolfo Brandão interpreta Lúcifer - como na primeira montagem. No Purgatório, Fernando Bicudo vive um dos 7 Anjos; Carolyn Aguiar é uma das Ninfas do Eden; a cantora Leila Maria, vive um Anjo, como na primeira montagem. Estão ainda no elenco Ruth Mezeck, atuante na primeira, e agora com 90 anos.

No Paraíso, integram o elenco 12 meninas do Projeto ENTRARTE / GRC Escola de Samba Mirim Crias da Imperatriz (@criasdaimperatriz_oficial). Diversidade não falta a esse coletivo, numa dinâmica que tem Marina Salomon como diretora associada. As já citadas Adriana Bonfatti e Ligia Tourinho são diretoras assistentes.

No papo a seguir, Regina faz um balanço das aprendizagens e da encantarias já reunidas no ensaio desse experimento singular.



Luis Cancel/Divulgação

O que significa reencontrar “A Divina Comédia” não mais como texto, mas como um projeto estético de ocupação especial?

Regina Miranda - Trinta e cinco anos após a criação da nossa instalação cênico-coreográfica no MAM, que se tornou um marco nas artes da cena do Rio de Janeiro, somente me decidi a reencontrar “A Divina Comédia” quando percebi que o poema permanecia vivo em mim, de uma maneira diferente daquela que me levou a abordá-lo em 1991. Agora, para além da curiosidade sobre seus personagens, do encanto pela riqueza e grandiosidade de suas paisagens e por sua incontestável beleza poética, existia em mim uma nova motivação, que eu poderia resumir em uma pergunta: “O que de nós atravessa o tempo?”. Esta pergunta me levou de volta à montagem de 1991, entendendo que a memória não recompõe um acontecimento e que cada tempo traz novas perguntas e pede novas formas.

A criação atual nasce dessa nova indagação, tão pertinente ao meu momento de vida, e do encontro entre duas temporalidades: a memória da obra e a experiência do presente.

O que Dante te oferece como caminho para entender o Presente?

Penso que, hoje, a travessia proposta por Dante há 700 anos pode oferecer a interrogação como caminho. Quais as intensidades preponderantes em nossa vida? Como tratamos nossos afetos, escolhemos prioridades e, principalmente, como refletimos e acolhemos (ou não) os nossos estados extremados e as nossas zonas sombrias e tenebrosas? E as questões de transcendência, mistério e desdobramentos de mundos? Que lugar tem essas questões em tempos de instantâneos e compensações imediatas? Interessou-me pensar Inferno, Purgatório e Paraíso como dimensões que coexistem e atravessam a experiência